

Revista Filosófica de Coimbra

vol.18 | n.º35 | 2009

João Maria André
Mário Santiago de Carvalho
Filipa Medeiros
Edmundo Balsemão Pires
Luís António Umbelino
Luís M. Augusto
Lucas Angioni

RECENSÃO

FERRAZ, Marcus Sancrini A., *Fenomenologia e Ontologia em Merleau-Ponty*, ed. Papyrus, Campinas, São Paulo, 2009, 335 pp.

Numa escrita clara e sóbria, que não ilude o esforço de meditação e análise rigorosas, propõe-se o A. estudar o modo como “a problemática ontológica se desenvolve no decorrer da obra de Merleau-Ponty” (p. 11). Trata-se, pois, de enfrentar um ponto de doutrina decisivo, por constituir uma chave incontornável de interpretação do percurso de Merleau-Ponty. Mas é este, como o A. reconhece também um ponto polémico, por há muito dividir os comentadores entre aqueles que defendem uma continuidade pacífica entre a fase fenomenológica e os desenvolvimentos derradeiros do projecto ontológico, e aqueles que postulam entre tais *fases* divergências insanáveis. O A., ciente de que em tal nó problemático há que assumir posição, e que desta dependerá a proposta interpretativa a seguir, cedo afirma defender uma posição *intermédia*; mais especificamente, sustentará que uma interrogação ontológica percorre toda a obra merleau-pontyana e pode ser descortinada desde os primeiros textos, mas que tal interrogação presente nas primeiras obras não é a doutrina final que se desenvolve nos derradeiros textos do filósofo francês. De facto, segundo o A., uma diferença fundamental não pode ser ignorada: nos últimos textos de Merleau-Ponty sobressai a descrição de uma noção alargada de *ser* que, marcando-se de um excesso sobre o *ser percebido*, rasga a via de uma superação radical do horizonte marcado pelo primado da consciência fenomenológica.

Privilegiando a síntese e, ao longo da linha interpretativa escolhida, a ordem cronológica dos textos do filósofo em exame, toda a obra se orienta pelo enfoque ontológico, desdobrando-se ao longo de seis capítulos e uma conclusão. O escopo do primeiro capítulo – intitulado “Os Impasses da Ontologia Fenomenológica de Merleau-Ponty” (pp. 21-60) – é o de demonstrar que tipo de preocupação ontológica está presente em *La structure du comportement* e em *Phénoménologie de la perception*. De acordo com o A, ela torna-se patente, antes de mais, quando Merleau-Ponty ensaia demonstrar – logo desde o estudo das relações entre consciência e natureza que inauguram a sua primeira obra publicada – a necessidade de uma suspensão da validade ontológica do mundo objectivo tal como tratado pelas ciências e [a proporcional urgência de] explicitação desse

nível em que o mundo se manifesta de maneira pré-objectiva numa “correlação perceptiva” (pp. 28-29). Para libertar as possibilidades de tal caminho, no entanto, é necessário que se obviem os riscos de uma deriva idealista – o que, segundo o A., Merleau-Ponty cedo terá percebido (Cf., pp. 50-56) – passível de contaminar uma “concepção de ser” capaz de esclarecer a teia que liga o aparecer do mundo e as capacidades da consciência perceptiva.

O ponto é decisivo para o A. que, seguidamente, se esforçará por demonstrar de que modo às exigências de tal concepção responderá Merleau-Ponty, a partir dos anos 50, com um alargamento das pesquisas fenomenológicas e, finalmente, com a construção de uma nova concepção ontológica (Cf. p. 61). É o momento certo para o A. anunciar os momentos subsequentes da sua análise (Cf. em particular p. 58). Primeiro, haverá que identificar as repercussões que o tema da linguagem terá na reconfiguração merleau-pontyana da interrogação ontológica; depois, será conveniente identificar as três linhas principais de reflexão ao longo das quais tal novo projecto ontológico lentamente se fortalecerá, a saber: libertação, nos cursos dedicados à “instituição”, à “passividade” (Merleau-Ponty, M., *L'institution. La passivité. Notes de cours au Collège de France (1954-1955)*, Belin, 2003) e à “natureza” (Merleau-Ponty, M., *La Nature. Notes de cours du Collège de France*, Seuil, Paris, 1994), dos impensados que resistem em *Phénoménologie de la perception*; aprofundamento do “método indirecto” como instrumento privilegiado da investigação ontológica; desenvolvimento propriamente dito de uma ontologia do *Sensível*, ou seja, de uma descrição da noção de um *ser* “não mais limitada às capacidades subjectivas de discriminação de fenómenos” (p. 58).

Ao tema da linguagem é dedicado o capítulo segundo. Nele destacaríamos, por um lado, a atenção dada às leituras merleau-pontyanas de Saussure (Cf. pp. 70 e ss) e, por outro, o cuidado colocado na questão de saber como “a vida perceptiva e a vida expressiva do sujeito podem se conciliar” (p. 93). Em relação a este último ponto, o A. reflecte do seguinte modo: Merleau-Ponty considera que a universalidade do sentir se realiza linguisticamente, o que obriga a concluir que tal universalidade não se reduz à particularidade de qualquer sujeito; a linguagem, em derradeira análise, não se reduz a tradução directa de qualquer particularidade experienciada, já que, indirectamente, por meio de “torções expressivas impostas às palavras”, é capaz de comunicar o carácter único e silencioso de qualquer experienciar. Não é dizer pouco: sugere o tema da linguagem que não há acesso directo ao ser, que é indirectamente que nos relacionamos com ele, que as condições de inteligibilidade estão do seu lado, o que algumas palavras comprovam ao iluminarem subitamente um pouco da filigrana do mundo.

Seguem-se a estas análises um terceiro capítulo onde o A. procura ponderar, em toda a sua amplitude, a já anunciada nova via de acesso ao ser primordial. Trata-se de um momento da obra que merece elogio, por nos oferecer uma análise clara e útil das notas de aula de Merleau-Ponty no Collège de France – entretanto publicadas e ainda não muito estudadas – dedicadas, como já foi referido, aos temas da instituição, da passividade e da natureza. Com subtileza,

o estudo é aqui orientado, parece-nos, para a tentativa de demonstrar de que modo Merleau-Ponty enceta uma renovada descrição do ser a partir da consideração do seu *excesso* por relação ao sujeito perceptivo. Tal excesso obriga a ponderar filosoficamente uma noção de ser que antecede o sujeito perceptivo e o ultrapassa, que o convoca mas apenas porque o descentra e obriga a espalhar por uma textura que, se encerra em si as condições da sua perceptibilidade, não é senão na medida em que alberga, também, uma “dimensão” (p. 128) ou “latência invisível” (p. 130), uma “negatividade operante” (cf. p. 142) – que impede a sua apreensão frontal por qualquer saber objectivo, como a sua redução a construto de qualquer consciência arrogante. Ora, de tal concepção de *ser*, considera Merleau-Ponty, várias disciplinas, nomeadamente no âmbito do estudo da natureza, nos dão indícios significativos.

Assim se prepara, de modo consequente, o quinto capítulo da obra, que enfrentará directamente “o método indirecto da ontologia de Merleau-Ponty” (pp. 133-177) – o único, compreende-se agora bem, capaz de procurar descrever esse *ser primordial* “anterior às capacidades humanas e independente delas” (p. 133). Tal método começa na recolha dos dados indicativos para o reconhecimento dessa nova concepção de ser que se encontram espalhados por vários campos disciplinares – na ciência (pp. 133-147), na interpretação de factos históricos (pp.148-152), na arte e na psicanálise (pp.153-170), na própria dimensão expressiva da linguagem filosófica (pp. 170-177) e, ainda, nas ciências humanas (abordadas no capítulo seguinte, pp. 195 e ss) – mas não termina sem o resgate filosófico do sentido derradeiro dos indícios recolhidos.

Mas se o projecto ontológico de Merleau-Ponty avança por meio de dados fornecidos por tão vasto leque de campos disciplinares, “que dizer dos dados directos, isto é, das descrições fenomenológicas de experiências perceptivas” (p. 177)? Eis o problema que motiva a análise do capítulo quinto (pp. 179-209), intitulado “Merleau-Ponty intérprete da fenomenologia”. Trata-se de um capítulo com uma “arquitectónica” interessante. A princípio o A. parece retomar algumas teses que já vem desenvolvendo desde o início do seu trabalho: o modo como Merleau-Ponty aclimata ao seu percurso filosófico as teses mais decisivas da fenomenologia husserliana, bem como o trajecto reflexivo que o filósofo francês trilha nas zonas de não dito mas pensável encerradas nos textos do mestre alemão, voltam a ser debatidas. Fá-lo, no entanto, com o escopo claro e justo de identificar os “limites da fenomenologia” reconhecidos pelo próprio Merleau-Ponty (p. 201) e, deste modo, encontrar um ponto de referência importante para realçar a novidade da “última filosofia de Merleau-Ponty”.

Assim recoloca o A. a análise no centro da sua opção interpretativa de fundo, podendo, enfim, encetar a construção de um derradeiro capítulo sexto (pp. 211-258) no qual a nova concepção de ser, forjada pelo método indirecto e consubstanciada na ambiguidade *quiasmática* do visível e do invisível (Cf. p. 218), será estudada. O capítulo inicia-se com um estudo comparativo das noções de “percepção” e de “fê perceptiva”. Esta última situará a análise no contexto de *Le visible et l’invisible*, ao mesmo tempo que contribui para realçar, no confronto com o horizonte fenomenológico dos primeiros textos, o carácter

original da “nova ontologia” (p. 212) que se traça na consideração de uma negatividade inerente ao ser (não um nada prévio). Neste sentido, tentará o A. acompanhar o modo como “Merleau-Ponty elabora de maneira positiva os dados fornecidos pela fé perceptiva”, primeiro acentuando as noções “acerca da abertura para o mundo” e, depois, considerando “a análise acerca do encobrimento”. Será seguindo tal opção que o A. chega a analisar alguns dos novos conceitos com os quais Merleau-Ponty cunha a sua reflexão derradeira – como sejam os de reversibilidade (p. 245 e ss), ou de carne (p. 250 e ss) – e a esclarece em que medida é do lado do ser sensível que se devem procurar as condições de inteligibilidade do mundo.

Resta-nos referir a “conclusão” (pp.259-304) que, em rigor, poderia ser considerada mais um capítulo. É certo que começa com uma “retomada geral” (p.259), mas na sua maior parte alberga não apenas uma recapitulação de teses, mas efectivos desenvolvimentos que servem para precisar algumas das ideias centrais defendidas. De entre elas, a seguinte serve bem para ilustrar o ponto de chegada do trabalho em apreço: “não se deve caracterizar o ser como sensível *apenas porque* ele é efectivamente percebido assim pelo corpo, como se a subjectividade humana tivesse o poder de atribuir essas propriedades às coisas e ao mundo. Pelo contrário, é porque o ser é em si mesmo visibilidade, sensibilidade latente, que a percepção pode se exercer e confirmar o carácter sensível do mundo” (p. 267).

Três notas finais: a primeira para sublinhar a publicação em apêndice de algumas notas inéditas de Merleau-Ponty (pp. 305-329), ainda que sem grande trabalho de edição crítica; a segunda, para lamentar a ausência de um índice mais detalhado, justificado pela rica ordenação temática constante de cada capítulo; a terceira, para saudar a utilidade e interesse da obra, que vem contribuir de modo relevante para a bibliografia em língua portuguesa dedicada a Merleau-Ponty, cujo centenário do nascimento se comemorou no ano transacto.

Luís António Umbelino